

Modelados e paisagens

Certos geógrafos escreveram que a geografia é a ciência das paisagens. Não penso que o seja, pois isso seria reduzi-la ao estudo de conceitos

subjectivos incompatíveis com o assunto da geografia que é o de «avaliar a natureza e a intensidade das relações que caracterizam e condicionam a vida dos grupos humanos». Todavia, os modelados são elementos das paisagens por vezes não associados às actividades humanas: paisagens dos grandes ergs sarianos, dos planaltos tibetanos salpicados de lagos e dominados por cordilheiras cobertas de gelo. O modelado pode mesmo identificar-se com a paisagem: fala-se assim do canhão do Colorado, da duna do Pilat, das falésias de Étretat.

Segundo o geógrafo Michel Bruneau, «a paisagem está no limite comum entre a epiderme terrestre e a atmosfera. Forma visível do contacto entre a biosfera, a litosfera e a hidrosfera, a paisagem é caracterizada por uma vegetação natural mais ou menos degradada, por uma utilização e uma ocupação humana do solo num dado quadro geomorfológico». Esta definição dá conta precisamente dos elementos da paisagem, mas certos geógrafos quiseram levar mais longe as suas investigações ao ponto de afirmar, como venho de dizer, que a geografia era a ciência das paisagens. Nestas condições, a paisagem tornava-se um objecto científico que era necessário codificar. A dissecação em vista de uma descrição anatómica fria e metódica conduz a algumas aberrações. Querer codificar as paisagens é um empreendimento delicado, e prestam-se a sorrisos os neologismos fabricados com este fim. Sempre com a finalidade de lhes codificar a descrição, alguns submeteram-nas a uma grelha

destinada a classificá-las em relação a uma abordagem sensorial. Assim, esta grelha distingue em primeiro lugar, por exemplo, volumes e formas; mas os volumes não têm necessariamente uma forma? A grelha teria tendência para fazer esquecer a alguns que os volumes e as formas têm nomes: são ravinas, dunas, falésias, enseadas, vulcões – e que estes objectos, para o comum dos mortais, são evocadores de conjuntos paisagísticos. Na outra extremidade do xadrez geográfico, alguns consideram as paisagens como o «domínio fraco» da geografia ao qual, por uma espécie de contra-senso científico, foram aplicadas técnicas rigorosas incompatíveis com o assunto. Todavia, a paisagem é desde há alguns anos objecto de reflexão, pois os técnicos do planeamento do território tomam em conta um aumento da procura social dizendo respeito à melhoria do meio ambiente quotidiano e, portanto, entre outros, do património paisagístico.

A paisagem é uma composição a vários níveis, representando elementos naturais e o impacto, por vezes profundo, das actividades humanas. Segundo a sua sensibilidade, o observador descobrirá, de preferência, as componentes naturais, como os modelados, ou, ao contrário, interessar-se-á pela organização do parcelar e pelo aspecto arborizado da paisagem agrícola. Pelo que me diz respeito, penso que a paisagem permanece sensorial, sem nenhuma conotação científica. Apresenta todavia um grande interesse pedagógico pois provém de uma observação

em várias escalas, com planos sucessivos e mesmo elementos invisíveis que é possível fazer sobressair para uma melhor interpretação.

Tomemos como exemplo o sítio de Zagora, no Sul marroquino. A partir ao jbel Zagora, olhando em redor abraça-se uma imensa planície desértica fechada pela escarpa contínua e rígida da Crosse do Bani. Esta domina detritos coluviais que se juntam a jusante com glacis baixos do Quaternário recente. Em contrapartida, os glacis mais recentes elevam-se em montículos e em correias alongadas, orientadas na direcção da goteira do vale do uede Draa. A uma escala maior, distinguiríamos os regs em andares, algumas dunas sobre uma estrumeira de limos, parcelas irrigadas nos palmeirais, aldeias de casbahs encostadas umas às outras. A uma escala ainda maior, poderíamos descrever as casas em adobe e observar que o palmeiral está plantado com figueiras, amendoeiras, oliveiras e damasqueiros. A cada etapa desta descrição, seria possível apelar para noções invisíveis que completam a paisagem. Os terraços e glacis estão salpicados de pedras, um solo mediterrânico vermelho cobre os aluimentos no sopé do jbel Zagora. Os camponeses sedentários são antigos escravos vindos das savanas. A paisagem visível é pois prolongada pelos dados científicos que melhor permitem apreciá-la.

Certos modelados estão integrados em paisagens das quais constituem por vezes o interesse essencial, tais como os Dolomitas que dominam Cortina de Ampezzo. A celebridade destas

paisagens provêm da sua mediatização pela publicidade, pelo cinema (a baía de Along, onde foi em parte rodado o filme *Indochina*), pelos guias turísticos, pelos mapas onde estão assinalados os miradouros e os panoramas. Deste modo são gabadas as paisagens pitorescas que merecem um desvio e mesmo a viagem. Este entusiasmo conduz à classificação dos grandes locais que fazem parte do património nacional e internacional.

A lei francesa de 1930 regula a protecção dos locais proporcionalmente às suas qualidades estéticas, históricas ou paisagísticas. O exemplo do vale da Restonica ilustra bastante bem o papel dos modelados nos encantos de um local protegido. O vale de Restonica é um dos três grandes locais protegidos da Córsega, juntamente com as agulhas de Bavella e o golfo de Porto-Girolata. No caso da Restonica, o interesse do vale de altitude reside na existência de modelados de origem glaciária representados por dois lagos ditos de ferrolho * – Capitello e Melo –, por moreias e pelas paredes abruptas do vale em forma de U escavado nos granitos.

A originalidade das agulhas de Bavella provém do afeiçoamento de granitos resistentes, fracturados verticalmente pela erosão mecânica e pela decomposição química, que recortaram na massa rochosa: agulhas, pilastras, zimbórios, cristas rendilhadas. De um modo mais geral, os locais incluem modelados associados à repartição da cobertura vegetal e às actividades humanas; é o caso da baía do Rio de Janeiro.

No estudo dos modelados da Terra, tentá-
mos, na qualidade de geógrafo, mostrar o papel
do homem, pois a humanização dos meios
«naturais», progressiva no começo e hoje acele-
rada, é um tema maior.

Os modelados, objecto de pesquisas, ofere-
cem um domínio de reflexões variadas. Reflexões
acerca do tempo, aquele que desfila ao longo
das eras geológicas e que se acelera com os cem
últimos milenários. Reflexões sobre a Terra nas
suas mutações progressivas, pedológicas e sedi-
mentares, ou brutais, caóticas e catastróficas.
Reflexões, enfim, acerca das paisagens, cujo
conhecimento se enriquece com os dados cientí-
ficos que a sua contemplação desperta.

EROSÃO E PAISAGENS NATURAIS / JEAN RISER ; TRAD. ANTÓNIO VIEGAS

AUTOR(ES): Riser, Jean; Viegas, António, trad.
PUBLICAÇÃO: Lisboa : Instituto Piaget, 1999
DESCR. FÍSICA: 127 p. : il. ; 21 cm
COLEÇÃO: Biblioteca básica de ciência e cultura ; 64
NOTAS: Tít. orig.: Érosion et paysages naturels
ISBN: 972-771-135-9